

O MITO DE PERSÉFONE, A RAINHA DA NEVE, DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN E A ANIMAÇÃO FROZEN: UMA AVENTURA CONGELANTE: A MORTE REVESTIDA PELA BELEZA

Lígia R M C Menna ¹

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar o conto *A Rainha da Neve*, de Hans Cristian Andersen, a partir de suas raízes mitológicas, como o mito de Perséfone, por exemplo, em contraponto com a animação norte-americana *Frozen*, considerando que suas gélidas rainhas, revestidas de beleza e mistério, constituem-se, possivelmente, em uma analogia à morte. Para refletir sobre o tema, referenciaremos, entre outros, ao texto *O tema dos três escrínios (ou a escolha do cofre)*, de Sigmund Freud.

Palavras-chave: A Rainha da Neve; Mitologia; Frozen; Freud; Morte

O conto “A Rainha da Neve” (*Snedronningen, The Snow Queen*), de Hans Christian Andersen, publicado em 21 de dezembro de 1844 no primeiro volume dos **Novos Contos de Fadas**, tem servido de inspiração para diversas adaptações e releituras, tanto literárias quanto cinematográficas ou televisivas, desde o século XX até nossa atualidade, com destaque para a figura ambígua e intrigante de sua rainha de cabelos platinados.

Como exemplo literário, que analisaremos em outro momento, podemos citar a clara referência feita por C. S. Lewis à Rainha da Neve em *As crônicas de Nárnia*, ao nos apresentar A Feiticeira Branca, Jadis, aquela que se autointitula a rainha de Nárnia e mantém todo o reino sob um feitiço congelante:

Estava também envolta em peles brancas até o pescoço, e trazia, na mão direita, uma longa varinha dourada, e uma coroa de ouro na cabeça.

¹ Doutora em Letras na área de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa (FFLCH-USP). Professora titular da UNIP- Universidade Paulista, membro dos Grupos de Pesquisa/CNPQ: Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (FFLCH-USP) e Encontros Interculturais na EAD: Narrativas de vida dos diferentes brasis (UNIP INTERATIVA)

Seu rosto era branco (não apenas claro), branco como a neve, como o papel, como o açúcar. A boca se destacava, vermelhíssima. Era, apesar de tudo, um belo rosto, mas orgulhoso, frio, duro[...] (LEWIS, 2009:115)

Quanto ao cinema, entre várias produções, destaca-se a bem-sucedida animação *Frozen: uma aventura congelante* (Disney, EUA, 2013), precedida por outras como, por exemplo, a animação soviética, *Snezhnaya koroleva (The Snow Queen, URSS, 1957)* e *O Reino Gelado (Snezhnaya koroleva, The Snow Queen, Wizart animation, Rússia, 2012)*, sendo esta última recebida no Brasil posteriormente.

Essa narrativa andersiana, o mais longo de seus contos, situa-se na estética romântica, reveste-se do imaginário cristão, mas também apresenta um núcleo pagão mítico, com referência a mitos nórdicos, como o da deusa Skadi, portadora do inverno e da morte; e gregos, como o de Perséfone, a rainha do mundo dos mortos, constituindo-se, portanto, em instigante material a ser desvelado.

Seriam essas deusas e rainhas, em diferentes contextos, mas sempre revestidas de beleza e mistério, uma possível analogia para a morte? Como parte de nossa pesquisa de pós-doutorado, objetivamos com este artigo refletir sobre essa possibilidade, analisando o conto *A Rainha da Neve*, a animação norte-americana *Frozen*, considerando o Mito de Perséfone e referenciando Sigmund Freud, a partir de seu texto *O tema dos três escrínios (ou a escolha do cofre)*.

Nesse texto, de 1913, Freud reflete sobre o tema da “*escolha de um homem entre três mulheres*”, nesse caso, os cofres ou escrínios simbolizariam essas mulheres. Para desenvolver sua linha argumentativa, o autor cita inicialmente a peça *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare, na qual os pretendentes de Porcia precisam escolher apenas um cofre (escrínio) entre três, a saber, um de bronze, um de prata e outro de ouro, diferentes opções para uma mesma mulher, mas apenas uma prevalecerá.

Adiante, Freud ainda cita *Rei Lear* e suas três filhas, relacionando-as com figuras mitológicas, como as Parcas/Moiras/Horas e a morte. Tomando a literatura e a mitologia para sustentar sua argumentação, ao final de artigo, o pai da psicanálise conclui que um homem tem/terá três relações inevitáveis com uma mulher: a mulher que lhe dá à luz, sua mãe; a mulher que é a sua companheira, sua amada e a mulher que o destrói, a Terra-mãe, a morte, para onde retorna. Contudo, para Freud, o homem, que faz uso de sua atividade imaginativa para satisfazer os desejos que a realidade não satisfaz, rebela-se

contra a morte, construindo narrativas míticas ou literárias em que a “Deusa da morte” é substituída pela “Deusa do Amor”, humanizada por sua beleza. Refletiremos com este trabalho como as narrativas aqui apresentadas podem exemplificar essa tal rebeldia contra a morte, a partir do momento que revestem suas rainhas pela beleza idealizada.

O conto *A Rainha da Neve*

Apesar de incorporar vários elementos dos tradicionais contos de fadas ou maravilhosos em seus contos, a exemplo dos recolhidos pelos Irmãos Grimm, é fato que Andersen tenha um estilo próprio, marcado principalmente pela estética romântica e por preceitos cristãos, não deixando de revelar, por outro lado, elementos da cultura nórdica e pagã.

Como ocorre em vários de seus contos, o maravilhoso e o realismo se misturam de forma harmoniosa. Com *A Rainha da Neve* não é diferente, já que, em sua natureza complexa, pode-se observar, em primeiro momento, um caráter cotidiano, com a avó que conta histórias, as crianças brincando em um jardim; em segundo, um caráter social, exemplificado pela pobreza das crianças em oposição à riqueza da rainha ou pelos ladrões que roubam e sequestram Gerda, e, finalmente, um caráter maravilhoso e simbólico, expresso com uma narrativa insólita, na qual há animais e plantas falantes, magias e feitiços, e, em contraste, diabos e anjos, a partir do imaginário cristão.

Nessa jornada de várias aventuras, prisioneiro e enfeitiçado, Kay pouco atua, competindo a Gerda enfrentar os obstáculos e superá-los para, finalmente, resgatar seu amigo, o que assemelha o enredo dessa narrativa ao de um conto maravilhoso, mas de estrutura novelística.

No plano do maravilhoso, diferentes personagens femininas revelam sua face mágica. Na terceira história, por exemplo, “A mulher hábil na magia”, uma velha senhora de caráter dúbio, salva Gerda, que estava à deriva em um barco, mas a mantém prisioneira.

Em meio a esse interessante protagonismo feminino, atípico para a época, Gerda tem por mediadores uma feiticeira boa, flores, gralhas e renas falantes, uma princesa, uma pequena ladra, as mulheres da Lapônia e da Finlândia, detentoras de poderes mágicos, e dentro do imaginário cristão, anjos.

Destacamos que a força da menina vem de sua inocência de criança, conforme elucidado pela mulher finlandesa ao ser inquirida pela rena para ajudar Gerda a enfrentar a Rainha da Neve:

Nenhum poder que eu lhe possa dar é maior do que aquele que ela já possui. Não vê como homens e animais se sentem impelidos a servi-la e quão longe ela conseguiu chegar desde que começou sua viagem com os pés descalços? Não lhe devemos falar desse poder. A força está no coração dela porque ela é uma criança muito doce inocente. (ANDERSEN, 2013, p. 142)

Como se pode observar, a figura da criança pura e inocente é reiterada. O jovem Kay foi raptado pela Rainha, condenado a um mundo gélido, sombrio e sem memórias, mas acaba por ser resgatado por Gerda, aquela que cumpre a jornada do herói, superando obstáculos devido sua inocência, sua bondade, seu amor e fé em Cristo. A redenção pelo amor, tão cultuada pelos escritores românticos, assume nesse contexto um nível metafísico, constituindo-se na própria ressurreição de Kay se considerarmos que estava preso ao submundo das trevas e da morte.

Pelo desenrolar da trama, podemos considerar o conto *A Rainha da Neve* uma narrativa de formação, um rito de passagem, por meio da qual Gerda e Kay amadurecem, passando da infância para a fase adulta. Ao final, já são adultos, mas mantém a inocência das crianças:

Kay e Gerda se olharam e por fim perceberam o significado do antigo salmo: “Onde as rosas florescem no vale tão docemente, lá encontrarás o Menino Jesus certamente” E ali permaneceram sentados, crescidos, mas ainda crianças, crianças de coração. E era verão, quente e glorioso verão. (ANDERSEN, 2013, p. 149)

Quanto à morte, o fato de a Rainha da Neve simbolizar sua chegada da morte ou sua personificação solidifica-se como componente do imaginário andersiano se considerarmos o que nos revela em seu livro *O conto de fada da minha vida*, quando narra a noite da morte de seu pai:

Na terceira noite, meu pai morreu. O cadáver permaneceu sobre o leito, eu e minha mãe nos deitamos por terra, fora. E por toda a noite um grilo cantou continuamente. “Ele está morto”, disse minha mãe. “Não precisa que cantes, **a virgem do gelo** veio buscá-lo”; eu entendi a que ela se

referia; lembrei que no inverno precedente, meu pai nos tinha mostrado que as janelas estavam geladas e **sobre o vidro havia um desenho de uma jovem que estendia os braços**. “Certamente, quer me tomar consigo!”, tinha dito brincando; agora que jazia ali morto, e minha mãe havia se lembrado (daquela ocasião). Isso que ele havia dito me ocupava a mente. (ANDERSEN, 20152 *apud* OLIVEIRA NETO, 2017:204. Grifos nossos)

Essa visão do pai de Andersen é retomada no conto *A Rainha da Neve*, quando Kay avista uma estranha imagem na janela:

Este floco foi ficando cada vez maior, até que se transformou numa **mulher vestida com o mais fino algodão branco**, e parecia ser feita de milhões de flocos em forma de estrela. Ela era bela e graciosa, mas era de gelo, de gelo brilhante e cintilante (...) **depois acenou com a cabeça e com a mão para a janela**. O menino estava assustado e saltou da cadeira, pareceu-lhe ter visto um enorme pássaro voando diante da janela. (ANDERSEN, 2013:108. Grifos nossos)

Notadamente, a vestimenta branca remete à virgem do gelo, que também acena para o menino. Contudo, somente ao final da segunda história, quando será raptado pela rainha, é que Kay lhe reconhecerá e lhe nomeará:

Subitamente, a cortina de neve desapareceu, o grande trenó parou e o condutor levantou-se. O manto de pelo e o gorro eram feitos de neve, era uma mulher, alta, elegante e ofuscantemente branca; ela era a Rainha da Neve em pessoa. (ANDERSEN, 2013, p 111)

Após beijá-lo duas vezes, fazendo com que o menino se esquecesse da família e de Gerda, a rainha revela que não poderá mais beijá-lo, pois poderia matá-lo com seus beijos. A partir de então, aos olhos do menino, nem parece ser mais de gelo, torna-se mais bela e não lhe provoca medo algum, chegando a compará-la com sua visão inicial:

Kay olhou para ela. Era tão bela! Ele não conseguia imaginar um rosto mais inteligente e belo. Já não parecia feita de gelo como parecera antes, quando lhe acenou amistosamente à janela. Aos olhos dele, ela era perfeita, e Kay já não tinha medo nenhum. (ANDERSEN, 2013, p. 112)

² ANDERSEN, H C. *La fiaba della mia vita*. Trad. Bruno Berni. Roma: Donzelli, 2015. Trecho traduzido pelo autor da tese.

Observemos, assim como apontado por Freud, a morte é revestida pela beleza, materializada primeiramente em uma jovem “ bonita e delicada, mas de gelo” e, posteriormente em uma mulher alta, elegante, bonita, com o “mais charmoso, o mais formoso rosto”.

Segundo Freud,

O homem, como sabemos, faz uso de sua atividade imaginativa a fim de satisfazer os desejos que a realidade não satisfaz. Assim sua imaginação rebelou-se contra o reconhecimento da verdade corporificada no mito das Moiras e construiu em seu lugar o mito dele derivado, no qual a Deusa da Morte foi substituída pela Deusa do Amor e pelo que lhe era equivalente em forma humana. (FREUD,1996, p. 183)

A Rainha da Neve aprisiona Kay em uma ambiência gélida e artificial, onde sempre é inverno: ele se torna uma pessoa *fria* pelo espelho, é enfeitiçado pelo beijo *frio* da rainha e permanece preso no *frio* castelo, como um morto-vivo.

Contudo, em sua ambivalência, destruidora e criadora, a Rainha é responsável por gelar as montanhas e produzir a aurora boreal com seus clarões azuis. Como uma deusa, administra a neve e as gélidas paisagens, tão necessárias para a harmonia terrestre.

Nesse sentido, referenciamos novamente Freud que constata que dentro da mitologia há deusas ambíguas, que celebram tanto a vida quanto a morte:

Mesmo a Afrodite grega não abandonara inteiramente sua vinculação com o mundo dos mortos, embora há muito tempo houvesse entregado seu papel ctônico a outras figuras divinas, a Perséfone ou à triforme Artêmis-Hécate. As grandes deusas-Mães dos povos orientais, contudo, parecem todas ter sido tanto criadoras quanto destruidoras - tantas deusas da vida e da fertilidade quanto deusas da morte. Assim, a substituição por um oposto desejado em nosso tema retorna a uma identidade primeva. (FREUD,1996, p. 183)

A Rainha da Neve, que viaja para outras terras levando o frio para os vulcões e garantindo a fertilidade do solo, assemelha-se a essas deusas criadoras e destruidoras, ao nosso ver. A partir do exposto, consideramos necessário procurar desatar os nós mitológicos que compõem essa narrativa, para confirmarmos nossa percepção inicial de que a Rainha da Neve representa a morte, revestida de beleza e até sensualidade. Vejamos a seguir algumas considerações sobre alguns mitos.

Referências mitológicas

Como dissemos, em nossas pesquisas identificamos que há uma matriz mitológica subjacente ao conto *A Rainha da Neve*, tanto de origem nórdica quanto grega. Podemos considerar inicialmente que a rainha foi inspirada em Skadi, figura mitológica nórdica, uma gigante que se tornou deusa ao casar-se com Njord, um Vanir (deus da fertilidade). Segundo verbete da Nova Enciclopédia Mundial:

Skadi é mais conhecida em conjunto com seu marido (Njord) e seus enteados (Freyr e Freyja). Ela é uma personagem feminina ousada e corajosa nos épicos nórdicos, que desafiou a sociedade dominada pelos homens, exigindo que os Aesir (um clã de deuses) a compensassem pela morte de seu pai.³

Quanto à etimologia do nome “Skadi”, encontramos, no mesmo verbete, a seguinte explicação:

O nome de Skadi significa "dano" ou "sombra", que reflete uma possível crença em seu status de gigante de gelo e portadora de frio, inverno e morte. Alguns mitólogos acreditam que, nos primeiros dias da mitologia nórdica, Skaði era venerada como uma deusa da caça e rivalizava com as deusas Frigg e Freyja em termos de importância e popularidade.⁴

Para este artigo, apesar da relevância de Skadi, optamos por explorar, contudo, a significativas relações do conto com o mito de Perséfone, para o qual há diferentes versões. Vejamos a mais recorrente⁵.

Perséfone era filha de Deméter, deusa da agricultura e da terra cultivada, com o poderoso Zeus. Ela era uma bela jovem, virgem e despreocupada, conhecida também pelo nome “Core”, a donzela. Certo dia Hades se apaixonou pela jovem e, com a conivência de Zeus, raptou-a e a levou para o mundo subterrâneo, o mundo dos mortos. Desesperada, a mãe a procurou por todo o mundo com um archote aceso em suas mãos. Ao descobrir seu paradeiro, Deméter ficou furiosa e recusou-se a voltar para o Olimpo sem a filha. Enquanto isso, a ordem natural foi perturbada, pois a terra tornou-se estéril e nada do que

³Disponível em <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Skadi> Acesso em 4 de abril de 2018. Tradução nossa.

⁴Disponível em <http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Skadi> Acesso em 4 de abril de 2018. Tradução nossa.

⁵ Informações colhidas no site greciaantiga.org, dadas pelo estudioso Wilson A Ribeiro Júnior.

era plantado crescia. Zeus resolveu interceder para que Perséfone voltasse com sua mãe para o Olimpo, contudo, a jovem já comera uma romã, o que indicava sua permanência no mundo subterrâneo.

Após negociação dos deuses, decidiu-se que Perséfone seria a esposa de Hades, ou seja, a rainha dos mortos e que, a cada primavera, se reuniria com Demeter no Olimpo para que a terra fosse cultivada.

Esse mito é visto como uma alegoria para a fertilidade: Perséfone seria o grão semeado embaixo da terra para despontar em novos frutos durante a primavera.

Como podemos verificar, Perséfone representa dois arquétipos femininos, o da jovem virgem e o da rainha do mundo dos mortos, do submundo, beleza e morte em harmonia em uma única deidade.

Interessante observar que, segundo apontado por Fraser (1982), houve uma disputa entre as deusas Perséfone e Afrodite pelo belo Adônis, o que remete, a nosso ver ao embate entre Gerda e a Rainha da Neve pelo pequeno Kay:

Em sua infância (de Adônis), a deusa (Afrodite) o ocultou numa arca, que confiou a Perséfone, rainha dos infernos. Mas, quando Perséfone abriu a arca e viu a beleza da criança, recusou-se a devolvê-la a Afrodite, embora a deusa do amor tivesse ido, ela própria, ao inferno para resgatar seu amado do poder do túmulo. (FRASER, 1982 p. 308)

Por esse relato, a ideia da virgindade e da morte, presentes no mito de Perséfone, tornam-se ainda mais evidentes.

Outro ponto a se considerar é o fato de não haver um conflito final entre Gerda e a Rainha. Quando a menina chega ao castelo e salva Kay, com suas mornas lágrimas, a Rainha não estava. Ela havia voado para países mais quentes, com o objetivo de levar um pouco de neve para os vulcões Etna e Vesúvio, contribuindo assim para o cultivo de uvas e limões. Interessante notar a importância da Rainha para o ciclo da natureza, assim como Perséfone que levava a primavera ao mundo quando voltava ao Olimpo.

Pelo que podemos notar, em uma perspectiva metafórica, reforçando nossas hipóteses, o inverno simboliza a morte, enquanto a primavera ou mesmo o verão simbolizam fertilidade, sexualidade, renovação, ressurreição e amadurecimento, podendo o conto, portanto, ser considerado um rito de passagem, no qual temos representações da

morte, das primeiras experiências sexuais ou amorosas, do embate feminino, o duplo solar que enfrenta seu reflexo espelhado, seu lado gélido e sombrio. Morre-se para renascer.

Frozen: uma aventura congelante

Frozen, a versão da Disney, cujo título original era *The Snow Queen*, distancia-se do conto de Andersen, mas ainda mantém reminiscências à rainha de cabelos platinados com poderes de transformar tudo em gelo, representando um perigo para seu reino e para sua irmã Anna.

Segundo jornalista norte americano Jim Hill (HILL,2013) , os estúdios Disney demoram mais 70 anos para concretizar o desejo de levar *A Rainha da Neve* para as telas. A história esteve em desenvolvimento na *Disney Animation* durante boa parte da sua história, ou seja, 74 anos, mas nenhuma das versões idealizadas durante esse longo período saiu do papel, já que, segundo o jornalista, os roteiristas não sabiam como desenvolver a personalidade abstrata da Rainha da Neve. No conto, podemos considerar Gerda a típica heroína e a Rainha uma vilã em sua ambivalência; contudo, não há um confronto final, como dissemos, o que dificultou em muito a criação de um roteiro que agradasse ao público.

Em 1943, por exemplo, Walt Disney já discutia com Samuel Goldwyn a possibilidade de transformar o conto de Andersen em uma animação. Contudo, somente em 2011, quando Chris Buck foi escolhido para a direção, o projeto foi revitalizado, e decidiu-se, há época, que a Rainha da Neve seria irmã da heroína Anna, criando-se assim uma relação real para as duas personagens principais. Em 2012, Jennifer Lee assumiu o roteiro e a codireção e manteve-se a mesma base temática. *Frozen* estreou em 27 de novembro de 2013 e foi recebida com aclamação pela crítica e o público em geral. Arrecadou mais de 1,2 bilhão de dólares nas bilheterias mundiais e, entre vários prêmios, venceu o *Oscar* de melhor filme de animação e melhor canção original (*Let it Go*), o *Globo de Ouro* de melhor filme de animação, cinco *Annie Awards* e dois *Grammy Awards* de Melhor Trilha Sonora Compilada para uma Mídia Visual e Melhor Canção Escrita para uma Mídia Visual.

Quanto à trama, destacamos que o conflito inicial se estabelece no fato da bela e jovem Elsa, princesa e futura rainha, não ser capaz de controlar seus poderes congelantes,

o que a leva a ser isolada do mundo e ser privada do convívio sua irmã Anna. Em nenhum momento explica-se porque Elsa possui esses poderes que são para ela uma verdadeira maldição, já que isso a leva a ser vista pelos pais como uma ameaça para sua pequena irmã, da qual é afastada e mantida assim, mesmo após a morte dos pais em um naufrágio. Adulta, é coroada rainha, mas, quando contrariada, torna-se uma ameaça para o próprio reino. Quanto mais tensa e nervosa, mais seus poderes crescem e lhe fogem ao controle. Ao ver seu segredo revelado e sentir-se acuada, congela tudo a seu redor, envolvendo Arendelle em um inverno eterno, de tristeza, desolação e morte. A rainha foge e, no alto das montanhas próximas, consegue liberar seus poderes, constrói um palácio de gelo e decide viver solitária. Enquanto isso, Anna sai em busca de sua irmã, determinada a levá-la de volta ao reino, acabar com o inverno e restaurar seu relacionamento interrompido na infância.

Anna, com a ajuda de Kristoff e o boneco de neve Olaf, finalmente encontra a irmã e insiste para que ela volte. Contudo, Elsa mais uma vez se descontrola e acaba por golpear acidentalmente sua irmã mais nova no coração. Segundo o rei dos Trolls, somente um "ato de amor verdadeiro" poderia salvar a menina, condenada a morrer. Em um contexto atual, em que a sororidade se evidencia e o empoderamento feminino tornou-se tema recorrente, quem salva Anna não é nenhum príncipe, o falso Hans, ou o apaixonado Kristoff, filho adotivo dos trolls, mas Elsa, com suas lágrimas e seu amor. O amor fraternal torna-se o ingrediente essencial para que Elsa controle seus poderes, finde o eterno inverno e governe seu reino em um ambiente harmônico e feliz.

Nessa releitura de *A Rainha da Neve*, nota-se que o protagonismo feminino permanece, sendo os personagens masculinos meros coadjuvantes, contudo, as refigurações surgem além dos gêneros e não há uma correspondência simples entre as personagens.

Lembremos que Gerda sai em busca de seu amigo Kay, para resgatá-lo, salvá-lo, enquanto o menino permanecia isolado no castelo congelante da Rainha da Neve. Em *Frozen*, Anna cumpre esse papel da heroína e parte em viagem para resgatar sua irmã, salvá-la dela mesma e do descontrole dos seus poderes, sendo Elsa uma referência tanto o enfeitiçado Kay, quanto à Rainha que o aprisiona. Por outro lado, enquanto Kay permanecia enfeitiçado, com cacos do espelho do mal em seu coração e olhos, na animação, é Anna que é atingida no seu coração pelo raio de gelo, torna-se uma estátua

congelada e só retorna à vida com as lágrimas do amor de Elsa, as mesmas lágrimas de Gerda, aquelas que salvam, que fazem renascer. Personagens como Kristoff e Olaf resumem-se em todos os coadjuvantes, ou mediadores, que auxiliarão a jovem Anna a cumprir sua missão.

A beleza de Elsa e sua virgindade (como adulta permanece solteira, sem um par amoroso, como uma típica princesa dos contos de fadas) são aspectos evidentes. Contudo, seria essa rainha também uma representação da morte revestida de beleza? Difícil constatação. A rainha congelante torna-se humana, com a qual muitos poderiam se identificar, já que se sente deslocada, diferente das pessoas de sua família, como se não houvesse para ela um lugar nesse mundo. Quando seu poder é revelado, vê-se exposta, “nua” e se isola. Em sua ambivalência, assim como a Rainha da Neve, provoca o mal, pode levar à morte, mas também leva à vida. Mas Elsa é mais que a deusa, ela é humana, em toda sua complexidade e conflitos internos.

Quanto aos matizes mitológicos, podemos considerar que também Elsa retoma o mito de Perséfone ao transitar por dois mundos, se assim considerarmos seus conflitos pessoais, e ser resgatada por sua irmã.

De forma interessante, a representação de Skadi divide-se em duplos. Como a deusa, Elsa e a Rainha da Neve dominam o frio e a morte, cabendo a Anna e Gerda sua coragem e ousadia.

Considerações finais

No contexto do século XIX, entre o Realismo cotidiano e o Romantismo, a breve novela *Rainha da Neve* carrega fortes influências do maravilhoso pagão e do espiritualismo cristão. Insolitamente paradoxal e harmoniosa, no estilo de Hans Christian Andersen, lúdico e didático.

Revisitada nos séculos XX e XXI, em diálogos intertextuais explícitos, ou não, essa obra tornou-se referência para diferentes produções culturais, as quais merecem um estudo comparado atento e minucioso, trazendo outros contextos, com novas figurações.

Além disso, como apresentado por Andersen, a personagem *Rainha da Neve* já fazia parte do imaginário do autor como uma referência à chegada da morte ou da própria morte. E, como apontado por Sigmund Freud, a morte revestida pela beleza é uma forma

inconformismo ou até rebeldia pelo há de inevitavelmente por vir, o retorno do homem à Terra-mãe. Na tessitura mitológica que sustenta o conto, também é possível estabelecermos essa relação entre a beleza como uma forma de humanização da morte. Contudo, na animação *Frozen*, a figura humanizada de Elsa tira-lhe o mistério e o imponderável da rainha andersiana, ao nosso ver.

Ao ler esse conto de 174 anos, impossível não nos vir a mente um termo fora de contexto como o “empoderamento feminino”. No plano real, algo realmente anacrônico, mas no ficcional, o tal poder feminino, revestido de magia, inocência e mistério, permanece latente, tornando esse conto tão instigante e digno de análise. Tal empoderamento, em um contexto atual em que se evidencia, revela-se também na animação americana, apesar de tão diferente enredo.

Como pudemos observar, de forma breve, o conto *A Rainha da Neve* e a interessante personagem que lhe dá nome, continua vivo no imaginário de gerações e apresenta tantas possibilidades de análise, tantos diálogos com o passado e com a atualidade, que nos instiga a prosseguir com a nossa pesquisa, sendo este artigo apenas uma pequena amostra do que já pudemos observar até o momento.

Referências Bibliográficas

ANDERSEN, Hans Christian. *Os contos de Hans Christian Andersen*. Edição de Noel Daniel. Tradução Vernáculo Lda. Lisboa, Portugal. Taschen. Londres. 2013.

BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. São Paulo. Paulus, 1990.

BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999.

COELHO, Nelly Novaes *Panorama Histórico da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2006.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As melhores histórias da mitologia nórdica*. 7. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2008.

FREUD, Sigmund. “O tema dos três escrínios” (1913). *Freud (1911-1913) Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso*

- Schreber"), *artigos sobre técnica e outros textos: Obras completas, Volume 10*. Trad. Jayme Salomão. Imago: Rio de Janeiro, 1996.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. Trad. Péricles E S Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- HILL, Jim. *Countdown to Disney "Frozen": How one simple suggestion broke the ice on the "Snow Queen" 's decades-long story problems*. The Jim Hill Media Podcast Network 18 Oct 2013 Disponível em <http://jimhillmedia.com/> . Acessado em 10 Ago 2018.
- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância. Da Idade Média à Época contemporânea no ocidente*. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2004.
- LEDERER, Wolfgang. *The kiss of The Snow Queen: Hans Christian Andersen and Man's redemption by Woman*. University of California: Press, Berkeley / Los Angeles / London 1986.
- LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia. Volume único*. Trad. Silêda Steuermagel, Paulo Mendes Campos. Ilustrações de Pauline Baynes. 2 ed. São Paulo: Martim Fontes, 2009.
- MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MELETÍNSKI, E. M. Os arquétipos literários. Trad. Aurora Bernardini. São Paulo: Ateliê editorial, 1998.
- OLIVEIRA NETO, Euclides Lins de. *Hans Christian Andersen e "O companheiro de viagem": Da narrativa mítica ao conto literário- um estudo em perspectiva comparatista*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 2017.
- SURREL, Jason. *Os segredos dos roteiros da Disney*. São Paulo: Panda Books, 2009.
- VOLOBUEF, Karin (org). *Mito e magia*. São Paulo: Unesp, 2011.
- XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O Imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Webgrafia

IMDB: <http://www.imdb.com>

GOOD READS: <https://www.goodreads.com>

VEJEN KUNST MUSEUM (Museu de Arte) <http://www.vejenkunstmuseum.dk/> Versão em Inglês: <http://en.vejenkunstmuseum.dk/>

THE LITERATURE NETWORK: <http://www.online-literature.com/>

Hans Christian Andersen Center: <http://andersen.sdu.dk/centret/>